



RELISE

CRÍTICAS AO EMPREENDEDORISMO SOCIAL E EMPREENDEDORES SOCIAIS DIANTE DAS CRÍTICAS AO SEU FAZER¹

*CRITICISMS OF SOCIAL ENTREPRENEURSHIP AND SOCIAL
ENTREPRENEURS IN THE FACE OF CRITICISMO OF THEIR WORK*

Rita Afonso²

Pollyana Silva³

Júlia Sant'Ana Alves⁴

RESUMO

O estudo teve por objetivo principal investigar as críticas feitas ao empreendedorismo social por acadêmicos brasileiros e, como objetivo secundário, saber como empreendedores sociais se manifestam diante destas críticas. Como método foi utilizado o levantamento bibliográfico da produção acadêmica brasileira no tema e entrevistas semi-estruturadas com empreendedores sociais. Para este artigo, levantou-se alguns conceitos referentes às temáticas empreendedorismo e empreendedorismo social; identificou-se as principais críticas ao empreendedorismo social na academia brasileira; entrevistou-se cinco empreendedores sociais brasileiros. Os resultados desta pesquisa revelam que foram apontadas três críticas fundamentais: o empreendedorismo social se equipara ao empreendedorismo convencional no que tange à perpetuação da exploração, promove uma ilusão salvacionista e converte a precariedade em oportunidade de negócio. Os cinco empreendedores sociais entrevistados têm trabalhos que residem, exatamente, no estímulo ao empreendedorismo de populações vulneráveis, além de serem eles próprios empreendedores. Nas entrevistas, trabalhamos de maneira que pudessem, livremente, expor suas ideias a respeito das críticas que apresentamos. Os empreendedores sociais estudados nesta pesquisa percebem-se, em diversos momentos, em uma perspectiva distinta daquela abordada pela academia. Eles enfatizam a luta contra as opressões diárias, lutando não apenas pela subsistência, mas também pelo bem-estar próprio e dos seus, enquanto buscam melhorar o ambiente ao seu redor. Dessa forma,

¹ Recebido em 08/07/2024. Aprovado em 30/08/2024. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.15869794

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. ritaafonso@facc.ufrj.br

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro. pollyhsilva@gmail.com

⁴ Villanova University. juliasantalves@gmail.com



RELISE

245

dentro do escopo estudado, evidencia-se que o empreendedorismo social se afasta das pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: críticas ao empreendedorismo social, empreendedorismo social, empreendedorismo.

ABSTRACT

The primary aim of this study was to investigate the criticisms directed at social entrepreneurship by Brazilian academics and, secondarily, to understand how social entrepreneurs respond to these criticisms. The methodology included a bibliographic survey of Brazilian academic production on the subject and semi-structured interviews with social entrepreneurs. For this article, we examined various concepts related to entrepreneurship and social entrepreneurship, identified the main criticisms of social entrepreneurship in Brazilian academia, and conducted interviews with five Brazilian social entrepreneurs. This research reveals three fundamental criticisms: social entrepreneurship equates to conventional entrepreneurship in perpetuating exploitation, promotes a salvationist illusion, and turns precariousness into a business opportunity. The five social entrepreneurs interviewed focused on encouraging entrepreneurship among vulnerable populations and were entrepreneurs themselves. We allowed them to freely express their thoughts on the criticisms presented during the interviews. The social entrepreneurs studied in this research often perceive themselves from a perspective distinct from academia. They emphasize the struggle against daily oppression, fighting not only for subsistence but also for their own well-being and that of their communities while striving to improve their surrounding environment. Thus, within the scope of this study, it becomes evident that social entrepreneurship diverges from academic research.

Keywords: criticism of social entrepreneurship, social entrepreneurship, Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com grandes desigualdades de renda e convive com certa rigidez no sistema de mobilidade social. Indivíduos de grupos sociais marginalizados não possuem condições de seguir carreiras tradicionais e de prestígio social, por isso dirigem seus interesses para um espaço possível e cada vez mais difundido - o empreendedorismo (Vale, 2014).



RELISE

Segundo Barbosa (2022), desde o final de 1960 tem-se uma reestruturação estatal do Estado de bem-estar para o Estado neoliberal, com privatizações, desregulamentação do trabalho e de direitos, alguma negligência com políticas sociais e diminuição considerável destes investimentos. Há desemprego em massa e transformação da relação empregatícia (com direitos) em trabalho isolado e diretamente subordinado ao capital. O processo de precarização do trabalho e o aumento do desemprego resultam em uma renda familiar mais baixa, o que diminui o custo da força de trabalho (Dias; Fernandes; Silva, 2022).

A empregabilidade é o fator-chave para que o indivíduo alcance uma profissão e nela se mantenha, devendo agir de acordo com as exigências seletivas do mercado e o sucesso ou o insucesso depende, em grande parte, de esforço próprio pela via individualista da qualificação ou pelo empreender. A estrutura do desemprego é naturalizada em torno das contradições e exclusões econômicas, políticas e sociais, tendo o sujeito que se adaptar a ela (Barbosa, 2022).

De acordo com o resultado do Projeto Acesso à Oportunidades, desenvolvido pelo Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento - ITDP e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2022), há grandes diferenças de acesso a empregos no Brasil, onde a população branca e de alta renda tem mais acesso às oportunidades do que negros e pobres. O estudo analisou os empregos em distâncias de até 30 minutos de caminhada a partir de casa e demonstrou que a cidade de São Paulo é a mais desigual do Brasil. Em São Paulo o número de empregos acessíveis aos 10% mais ricos é mais do que nove vezes maior do que o número de empregos acessíveis aos 40% mais pobres. O Rio de Janeiro é o que apresenta menor desigualdade, devido a aglomeração da população de renda baixa próxima ao centro da cidade (Pereira, 2022).



RELISE

Segundo Vale (2014), o empreendedorismo não é inicialmente procurado ou valorizado como uma primeira opção de carreira e profissão pelos membros da elite, mas indivíduos provenientes de camadas mais marginalizadas ou vulneráveis apresentam, em geral, maiores chances de tornarem-se empreendedores. Tais indivíduos ao se defrontarem com limitações impostas à entrada em carreiras mais tradicionais, dirigem-se ao empreendedorismo. Ainda segundo Vale (2014), a escolaridade relativamente baixa de seus pais e, em certa medida, dos próprios empreendedores, ajuda a explicar eventuais limitações de acesso a outras alternativas, mesmo que inicialmente almejadas, como obter bons empregos ou progredir nas empresas que já trabalhavam e, por isso, recorrem ao empreendedorismo, buscando uma via de inserção e mobilidade social.

Franco e Ferraz (2019) sugerem que no esforço de reestruturar o capital e rebaixar o custo da força de trabalho, as novas configurações sociais carregam a terceirização e desregulamentação como principais formas de precarização para o trabalhador brasileiro. Uma das consequências desse contexto socioeconômico flexibilizado é a autogestão, que traz consigo a possibilidade de empreender por uma necessidade de sobrevivência.

Este contexto torna o empreender no país muito importante, sobretudo para esta população mais vulnerável socioeconomicamente, uma vez que, para muitos, esta é a única oportunidade de geração de renda. Por isso, é comum no país o estímulo ao empreendedorismo, tanto por organizações governamentais quanto por não governamentais. Entre estas iniciativas, destaca-se o que se convencionou chamar de empreendedorismo social, cujos empreendedores dedicam-se a resolver - ou colaborar com - questões sociais em suas iniciativas. Este campo tem também gerado muitas críticas.

O objetivo deste trabalho é identificar, entre os autores, principalmente brasileiros, as principais críticas ao empreendedorismo social,



RELISE

248

empreendedorismo este que, segundo Ferreti e Souza (2022), relaciona a geração de renda com uma agenda de causas que beneficiam a sociedade.

Assim, trazemos a ideia da construção histórico-conceitual do empreendedorismo, do empreendedorismo social e, em relação a este último, os principais conteúdos críticos elaborados pela produção acadêmica do país, bem como a maneira como cinco empreendedores sociais brasileiros encaram estas críticas ao seu fazer.

A fim de uma melhor compreensão das críticas, buscamos, antes, os conceitos que definem o empreendedorismo e o empreendedorismo social. Desta forma, esta seção introduz o assunto e o problema da pesquisa. Na segunda seção, trazemos a conceituação do empreendedorismo e do empreendedorismo social. Na terceira seção, são apresentadas as três principais críticas abordadas pelos autores sobre o empreendedorismo social. Na quarta seção apresentamos a metodologia e na quinta, os resultados e análise das manifestações de cinco empreendedores sociais quando expostos às críticas e, finalizando, apresentamos os aprendizados na sexta seção.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção identificamos os principais conceitos referentes ao empreendedorismo e empreendedorismo social, explorando ainda o tema opressões do empreendedorismo, encontrados na literatura temática, contra os quais o empreendedorismo social trabalharia.

Empreendedorismo

Neto (2017) baseia-se em Schumpeter⁵ para definir o empreendedor como:

⁵ Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) foi economista responsável por uma das maiores e mais relevantes definições sobre o sujeito empreendedor (NETO, 2017).



RELISE

249

(...) alguém que faz novas combinações de elementos, introduzindo novos produtos e/ou processos, identificando novos mercados de consumo ou fontes de suprimento, criando novos tipos de organização (NETO, 2017, p. 28).

Na concepção de Silva (2018), o empreendedor, ou o empreendedor privado, é definido como um empreendedor individual, que produz bens e serviços com foco no mercado para alcance de vantagem competitiva. Sua medida de desempenho é o lucro e visa satisfazer as necessidades dos clientes e ampliar as potencialidades dos negócios.

Vários autores apresentam as definições de empreendedorismo relacionando-as aos interesses capitalistas ou às pautas neoliberais, como Carneiro (2022), Ferraz (2022) e Carmo et al. (2020). Carneiro (2022) afirma que a despeito de o conceito de empreendedorismo ter adquirido novos significados e funções com o passar dos anos, a prática empreendedora tem sua fonte diretamente interligada aos moldes e interesses capitalistas. Para Ferraz (2022 *apud* Espinosa-Cristia, Bernasconi, 2020), o empreendedorismo é agenciado para a conservação da agenda neoliberal e autoritária e Carmo et al. (2020) reforçam que os próprios discursos empreendedores conservam também uma ideologia neoliberal. Na literatura temática, o discurso neoliberal empreendedor é validado no contexto empresarial como uma função inquestionavelmente positiva, atividade economicamente desejável e uma proposta de solução universal para crises (Ferretti, Souza, 2022; Silva, 2022). O desenvolvimento econômico, alinhado à pauta neoliberal envolveria mudanças significativas de estruturas sociais e não apenas o crescimento da economia em si (Lounsbury, 1998; Defourny, Nyssens, 2010).

No âmbito do imperativo neoliberal, quando o neoliberalismo passa a operar enquanto modelo de (des)regulação política-estatal associado ao capitalismo flexível, eliminando gradativamente financiamentos públicos, direitos e políticas sociais conquistados no plano dos Estados Nacionais, têm-se a intensificação da mercantilização das relações e práticas sociais. As



RELISE

consequências, segundo Barbosa (2022), são sentidas a partir de 1990 nas periferias capitalistas aumentando a subalternização das condições de vida dos trabalhadores, a pobreza, a degradação e a precarização das relações de trabalho. O desemprego estrutural elevado faz crescer parcelas significativas de trabalhadores na busca de sobrevivência na informalidade.

De acordo com Dias, Fernandes e Silva (2022) é neste cenário que o empreendedorismo neoliberal, ou “uberização”, torna-se uma chave para as relações sociais da hegemonia do neoliberalismo contrapondo, de um lado o discurso que trabalhos “uberizados” podem ser a saída do desemprego e vendendo o discurso de que o motorista e entregador é um empreendedor com autogestão do tempo e, de outro lado, a compreensão que esses trabalhadores estão fragilizados e dependem do credenciamento nas plataformas, tornando, então, o trabalho precarizado, também, um formato de empreendedorismo.

Segundo Barbosa (2022), desempregados são estimulados a competir como autônomos, com pequenos e médios negócios. De forma que se acaba naturalizando o trabalho informal, a desregulamentação e a precarização do trabalho. Ainda segundo o mesmo autor, há uma relação profícua entre o empreendedorismo e as novas formas de precarização do trabalho, pois esta reforça a fragilização dos vínculos de regulamentação salarial. O autor afirma que literaturas pró-empreendedorismo desconsideram condicionantes e determinações político-econômicas e estruturais que regulam, limitam e incidem sobre a ação econômica individual. Sendo que:

O sucesso ou o fracasso do indivíduo, como proletário ou como capitalista, é visto meramente como resultado de suas habilidades e ações individuais. A literatura do empreendedorismo é vasta nestes exemplos. O mercado é imperativo, as exclusões são naturalizadas, a situação do indivíduo colocada como resultado de suas ações individuais *per sí*. Tudo está dentro do mercado (e do ideário empreendedor) - inclusive as temáticas no campo da política/cidadania. (Barbosa, 2022, p. 136)



RELISE

O mesmo autor chama atenção para o fenômeno do empreendedorismo e desenvolvimento econômico, principalmente em países emergentes, onde crescimento econômico e novos empregos seriam basicamente resultantes das iniciativas individuais, a formação de empreendedores individuais (Barbosa, 2022).

De acordo com Oliveira (2016), o contexto globalizado de competitividade e extrema velocidade nas tendências tecnológicas torna oportunas ações orientadas ao empreendedorismo. Essa conjuntura possuiria fatores que estimulariam e acirrariam desigualdades sociais e econômicas no planeta. Ele afirma que a instabilidade econômica e as constantes mudanças nas regras trabalhistas poderiam oportunizar indivíduos a se apresentarem como empreendedores, independentes e protagonistas de suas situações financeiras e, não, dependentes de um fim incerto devido às configurações de trabalho. O autor acrescenta que, ao mesmo tempo que a prática empreendedora na literatura sugere desenvolvimento econômico e social, também é responsável por desigualdades e conflitos econômicos, políticos e humanitários. A globalização ainda poderia ser entendida, ainda segundo Oliveira (2016), por abranger fatores que estimulam ou acirram a diferença social e econômica entre lugares e pessoas.

Ainda no mesmo sentido, Barbosa (2022) apresenta o empreendedorismo em uma perspectiva de alternativa para aqueles que não conseguem conquistar um emprego formal, podendo se autogerir e obter uma oportunidade de renda e crescimento. Silva (2022) afirma que o contexto é de difusão da ideologia empreendedora, de criação de políticas públicas e de crescimento do empreendedorismo como oportunidade de mobilidade social.

Para Sabino e Pinheiro (2022), parte da mídia hegemônica, Estado, instituições educacionais, organizações públicas e privadas afirmam a importância dos trabalhadores serem empreendedores, criarem seus próprios



RELISE

negócios e resolverem, por si, seus problemas, associando o empreendedorismo a um fenômeno de massa que, a partir dos indivíduos ou um grupo deles, buscam o desenvolvimento econômico do seu país.

No Brasil, a pesquisa feita pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2022-2023), aponta que a maior motivação para empreender é a escassez de emprego, 82% dos entrevistados indicaram esse motivo. A segunda razão mais mencionada foi "fazer a diferença no mundo" - 79% e o terceiro mais citado é o "desejo de construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta.". Esta situação indica, como afirma Barbosa (2022) que quando é difícil conquistar uma vaga profissional, há alternativas como "gerir o próprio negócio" e assim ter a possibilidade de "crescer", inclusive tornar-se rico em um futuro possível.

Empreendedorismo social

A literatura aponta que a evolução do conceito de empreendedorismo revela uma transformação cultural. Carneiro (2022) afirma que desde a concepção da ascensão burguesa, a partir do século XVII, o empreendedorismo esteve ligado a atividades relacionadas ao lucro. A começar pela correlação do termo empreendedorismo com o controle corporativo, a sociedade ganhou ainda mais contornos de produção capitalista industrial, ou seja, o empreendedor tem sua genealogia associada ao empreendimento com moldes de interesse do capital. Ferretti e Souza (2022) argumentam que há uma colonização no discurso empreendedor, já que esses profissionais estão relacionados às características de inovação e competitividade, reagindo a um cenário de insegurança e incerteza.

Para além do viés econômico está a perspectiva social do empreendedorismo. Empreendedores sociais são aqueles que usam de suas habilidades para a solução de problemas sociais (Ferretti; Souza, 2022). Nesse formato o trabalho seria inseparável das relações sociais e do impacto positivo



RELISE

na sociedade. Empreendedores sociais surgem como uma alternativa para o enfrentamento à pobreza, gerando capital social e alternativas políticas mais eficazes para a gestão dos problemas sociais (Arrueta; Ribeiro, 2022).

De acordo com Ferretti e Souza (2022), no contexto empresarial e acadêmico o empreendedorismo seria amplamente valorizado na abordagem de crescimento econômico ou articulado à noção de uma economia solidária, centrada no bem-estar comum. Em outras palavras, num certo sentido, a literatura contrapõe os empreendedores que visam o desenvolvimento econômico *versus* os empreendedores que desejam tornar o mundo um lugar melhor.

Na visão de Carneiro (2022), o empreendedorismo social envolve a atividade inovadora somada ao objetivo social com fins lucrativos, envolvendo a criação de valor social preponderante ao retorno de investimento e lucro aos acionistas. Assim, os empreendedores sociais são marcados por uma busca por novas oportunidades de inovar.

Segundo Ferretti e Souza (2022), no empreendedorismo social a prioridade está relacionada à geração de renda para ajudar nas causas que beneficiem a sociedade, aproximando inovação, negócio e economia à noção de bem comum. Algo cujo objetivo geraria uma contribuição real para a melhoria da sociedade.

De acordo com Silva (2018), o empreendedorismo social não deve ser um termo generalizado para quaisquer atividades de empreendedorismo privado ou mesmo de responsabilidade social. Para que seja afirmado, o empreendedorismo social deveria ser, necessariamente, um movimento de aprendizagem contínua. A aprendizagem contínua contribuiria para a compreensão da constituição de um quadro teórico sobre a temática do empreendedorismo social e caminharia no sentido de mostrar que o empreendedorismo pode ser ensinado e, também, aprendido, na perspectiva de



RELISE

grandes e renomados autores, como Schumpeter (1997), McClelland (1971), Drucker (1998), entre outros. Portanto, com base nessas premissas, o autor aponta que o termo empreendedorismo social, não deve ser confundido com responsabilidade social, filantropia ou empreendedorismo privado. Ao contrário da visão tradicional do empreendedorismo de geração de lucro, ao menos um dos objetivos do empreendedor social deve estar relacionado ao conceito de valor social à sociedade e não apenas a criação de um valor financeiro para o empreendedor e seus acionistas (Austin; Stevenson; Wei-Skillern, 2012). Segundo Ferretti e Souza (2022), empreendedores sociais podem se envolver com atividades que geram lucro, desde que este não seja seu objetivo principal; senão, tornam-se apenas empreendedores.

Para Ferraz e Neto (2022), a literatura que hoje se debruça sobre o empreendedorismo social frequentemente carrega uma tendência positiva e benéfica. Para Thompson, Alvy e Lees (2000), para além da literatura, a propagação dessa tendência também é localizada em diversos veículos da mídia, uma vez que muitos textos, notícias, além dos artigos científicos, entre outros materiais, tendem a apresentar os efeitos positivos do empreendedorismo social por meio de suas figuras heroicas. Ferraz (2022) afirma que a temática acerca do empreendedorismo social deve ser imprescindivelmente investigada, dado que o conceito se apresenta como uma alternativa a adversidades socioeconômicas e, somado a isto, investimentos são frequentemente aplicados em empreendimentos com essa tônica, principalmente em países periféricos.

Barbalho e Uchoa (2019) entendem que o empreendedorismo social se tornou uma alternativa pela procura de soluções de demandas, a partir de ações que defendem a inclusão social e enaltecimento de pessoas e afazeres descuidados pelo mercado e Estado. Oliveira (2016) afirma que alguns autores mostram que houve características positivas no período pós-moderno como a globalização; no entanto, essa mesma globalização também foi um dos fatores



RELISE

255

mais relevantes para proporcionar maiores níveis de desigualdade social e econômica no planeta. Este autor e Casaqui (2016) consideram o empreendedorismo social como consequência e resposta da negligência do Estado em conjunto com a omissão do mercado em promover intervenções que derrotem a pobreza e exclusão social.

A concepção do empreendedorismo social carrega em si o conceito de inovação, mostrando que não seria uma replicação de modelos prévios ou já existentes, mas algo inédito (Ferretti, Souza, 2022). Segundo Arrueta e Ribeiro (2022), o desempenho das organizações sociais e solidárias possui extrema relevância no combate à pobreza, por exemplo, tendo em vista que são sujeitos de criação de capital social na mesma proporção que provocam novos caminhos e possibilidades para a gestão social. No entanto, Carneiro (2022) questiona até que ponto o empreendedorismo atua como oportunidade em meio à escassez, ou relaciona-se com a nebulosidade de oferta de serviços obrigatórios em um Estado Social.

Para Ferraz (2022), o fomento ao empreendedorismo social pode ser criticado como um fenômeno que mais esconde do que explica a visão que apresenta o empreendedorismo social como uma das alternativas para os problemas econômico-sociais desses tempos, especialmente diante do quadro crescente de pauperização do trabalho. Em outras palavras, o empreendedor é o impulsionador do desenvolvimento econômico tornando-se a melhor alternativa ao desemprego, ao equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal e a possibilidade de administrar o seu próprio negócio (Ferretti e Souza, 2022).

Empreendedorismo social como “solução” para opressões de raça, gênero e classe

Para Ferraz (2022), as questões identitárias encontraram terreno fértil no empreendedorismo social para a falsa solução das opressões do racismo, do



RELISE

classicismo e do sexismo. Helmsing (2015 *apud* CARNEIRO, 2022) cita que o empreendedorismo social é uma oportunidade de transformação na economia de mercado em situações de subdesenvolvimento, principalmente atuando nas falhas de oportunidades e serviços. A mesma autora afirma que tornar-se empreendedor, muitas vezes, tem a ver com remediar uma falha do mercado, criando empreendedores que se fizeram assim por necessidade e não, necessariamente, por vontade. O pretense espírito empreendedor se tornaria um meio de inclusão de minorias sociais (empreendedorismo negro e feminino, por exemplo) que, historicamente, têm dificuldades para vender e reproduzir a sua força de trabalho, servindo para remediar as falhas do mercado.

Gênero, raça, classe e sexualidade estariam diretamente relacionados à facilidade ou dificuldade de acessos existentes no empreendedorismo, mas tais discussões tendem a ser invisibilizadas pelas lógicas de opressão segundo Ferreti e Souza (2022).

Ainda para Ferraz (2022), é possível observar o discurso da política neoliberal nas entrelinhas do empreendedorismo social, que avançaria sobre as minorias com a justificativa de solução para os problemas sociais. Para a autora, a vida de uma mulher, negra, lésbica e trabalhadora que mora na periferia em nada se assemelharia a vida de um homem trabalhador, branco, heterossexual, de zonas privilegiadas da cidade, exceto pelo fato de que ambos, enquanto classe trabalhadora, precisam vender sua força de trabalho para adquirir bens e serviços que precisam para sobreviver, ainda que em condições desiguais. Com isso, aceita-se que existam desigualdades sociais que poderiam ser resolvidas com iniciativas empreendedoras para cada tipo de opressão.

Uma forma de opressão destacada por Ferraz (2022) é que o empreendedor social se concentra na criação de valor social para membros marginalizados da sociedade, mesmo que empreendedores sociais ganhem pouco dinheiro, importando apenas a prática do bem. Essa seria, para a autora,



RELISE

257

uma ideologia perversa, na qual empreendedores sociais estariam agindo para remediar falhas do Estado. Assim, resolver a opressão ocorreria apenas no plano aparente, sem alterar as estruturas sociais que produzem as relações de opressão.

De acordo com Ferreti e Souza (2022), o olhar interseccional no empreendedorismo tende a demonstrar que o empreendedorismo realizado por mulheres, pretas e periféricas ainda é enxergado como condição de sobrevivência e inserção social. Mas, esse discurso contribuiria para reforçar a lógica dominante e linear do empreendedorismo feito por homens e mulheres em função do processo de construção histórico social do Brasil, que não reflete a realidade dos estudos empreendedores. Por tudo isso, a academia mantém um olhar crítico para o empreendedorismo e os empreendedores sociais.

CRÍTICAS AO EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Nesta seção apresentaremos as três principais críticas ao empreendedorismo social identificadas na pesquisa bibliográfica. Elas são inter relacionadas, como poderemos observar. Serão apresentadas as críticas seguintes: o empreendedorismo social: 1) é igual a empreendedorismo; 2) vende ilusão salvacionista; 3) transforma precariedade em negócio

Crítica 1 - Empreendedorismo social é igual a empreendedorismo tradicional no que se refere à perpetuação da exploração

Ferraz (2022) afirma que tanto o empreendedor privado quanto o empreendedor social estariam se beneficiando das opressões e perpetuação da exploração durante a prática empreendedora. Ferretti e Souza (2022) acrescentam, por exemplo, que o empreendedorismo se apresenta de maneira encantadora às mulheres como uma forma de sanar questões de seus cotidianos profissionais, prometendo flexibilidade, equilíbrio entre vida pessoal e



RELISE

profissional, menor pressão (comum em grandes corporações), possibilidade de realização profissional etc. Empreendedores sociais continuariam a explorar a força de trabalho dos envolvidos, já que não dividem o lucro.

Ferraz (2022) propõe que a diferença entre empreendedorismo privado e empreendedorismo social não possa residir somente na pretensa solução de problemas sociais, porque, uma vez não resolvidos, ambos se equiparariam. A autora afirma que a solução de problemas sociais seria justamente o diferencial competitivo dos empreendimentos sociais. Entretanto, para a autora, seria narrativa conhecida a de que os grandes capitalistas seriam operadores sociais da justiça e da riqueza coletiva, enfraquecendo a defesa dos empreendedores sociais.

Diante da perspectiva de que o objetivo do empreendedorismo social tem como pilar fundamental a solução de problemas sociais e necessidades da comunidade e que a essência do empreendedorismo é a vantagem competitiva, Silva (2018) questiona quais seriam as métricas utilizadas para estabelecer vantagens competitivas diante de um “concorrente” no caso social, ou seja, como vencer esse tipo de competição, se todos estariam prezando por um mundo melhor e menos desigual?

Crítica 2 – Empreendedorismo social vende ilusão salvacionista

Esta crítica é ancorada na ideia - segundo os autores, ilusória - de que o empreendedorismo social poderia resolver os problemas sociais existentes (Arrueta, Ribeiro, 2022; Ferretti, Souza, 2022; Ferraz, 2021; Lopes et al., 2020; Silva, 2018; Casaqui, 2016). Esta ilusão se agravaria ainda mais na esfera das interseccionalidades, quando, por exemplo, a falta de acesso a bons empregos, seria pior quando relacionada à raça, gênero e/ou vulnerabilidade social.

O espírito do empreendedorismo social buscaria perpetuar uma circunstância na qual, até mesmo em situações instáveis e precarizadas, existiria



RELISE

a viabilidade de manter-se resiliente e proceder de forma responsável (Ferretti, Souza, 2022). Conforme analisado por Barbalho e Uchoa (2019), há organizações que pregam ser necessário desfazer-se da ideia de que “ganhar dinheiro” e “fazer a diferença” ou criar “negócios” e promover “impacto social” seriam atividades e propósitos incompatíveis – eles seriam complementares, de modo a não ser necessário escolher entre um e outro, e sim “aspirar ao melhor de dois mundos” (Barbalho, Uchoa, 2019, p. 429).

Ferraz e Ferraz (2021) argumentam que propagando um “espírito empreendedor”, o sujeito seria driblado e levado a pensar que está fazendo parte de uma salvação, como se estivesse acabando com a miséria, quando, na verdade, estaria inserido na dinâmica de exploração. Para Ferraz (2022) quem defende o empreendedorismo social como saída para a crise, sustenta que ele tem em suas ações coletivas e no interesse social a grande diferença, carregando uma característica supostamente mais humanizada, propondo que os trabalhadores unam paixão com missão. Para Ferraz (2022) qualquer tipo de empreendedor teria como essência a produção e não haveria real interesse por aniquilar as desigualdades sociais - apenas por remediá-las. Para a autora, por mais sincero que seja o ímpeto de empreendedores sociais em prol do desenvolvimento social, não seria viável romper com desigualdades a partir de uma sociedade que reproduz a desigualdade como parte de sua filosofia liberal. Como ela afirma, “mais capitalismo não pode ser solução para problemas que o capitalismo criou” (FERRAZ, 2022, p. 7). A autora ainda ressalta que não há luta contra opressões que desconsidere um enfrentamento à exploração, sugerindo que o que o empreendedorismo social “contorna”, não pode ser contornado e, sim, enfrentado.



RELISE

Crítica 3 – Empreendedorismo social transforma precariedade em negócio

A terceira e mais contundente crítica encontrada na literatura diz respeito ao discurso do empreendedorismo social como uma alternativa - falsa - à incompetência dos governos em resolver os problemas sociais (Arrueta; Ribeiro, 2022; Ferraz; Ferraz, 2021; Ferretti; Souza, 2022; Casaqui, 2016).

Arrueta e Ribeiro (2022) afirmam que o empreendedorismo social se encontra entre a propriedade privada e o assistencialismo que poderia ser provido pelo Estado. Os mesmos autores afirmam que o empreendedorismo social poderia ser identificado como um novo campo que gera uma fusão entre os aspectos de atuação do “empreendedorismo” e “ativismo social”. Para Dey e Steyaert (2012), esse tipo de discurso, simplificaria o empreendedorismo social a atores sociais que reproduzem noções de ordem e controle, corroborando para a visão de que a mudança social pode ser conquistada sem debate, tensões ou desarmonia social.

De uma maneira geral, segundo a revisão, o empreendedorismo social transformaria a precariedade em negócio, não resolvendo os problemas que lhe dão origem. Mais que isso, Casaqui (2016) afirma que os atores da “sociedade empreendedora social” (p. 224) enxergam estas atividades numa perspectiva mítica, como única possibilidade de mudança no mundo, mesmo não interferindo ou produzindo transformações no sistema capitalista.

Mais categóricas, Ferraz e Ferraz (2021) afirmam que, neste contexto, o valor social ou missão social possuiriam um papel de importância ao transmitir confiança para integrar minorias, a fim de criar uma conformação e precarização geral que os faça sentir agentes do capital, agindo para remediar falhas do Estado através da transformação da precariedade em negócio e da pauta social em mercadoria.



METODOLOGIA

Este estudo iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica exploratória de abordagem qualitativa sobre as críticas ao empreendedorismo social, realizada no ano de 2022, seguido de entrevistas semi-estruturadas com empreendedores sociais, realizadas no ano de 2023.

A primeira etapa desempenhou um papel fundamental neste estudo, permitindo compreender as críticas existentes no meio acadêmico. Inicialmente, foram analisados textos previamente selecionados que abordavam os temas de empreendedorismo, empreendedorismo social e as críticas associadas a ambos. Em seguida, foi realizado um processo de referências cruzadas com esses textos, a fim de fundamentar as bases teóricas.

Para as entrevistas semi-estruturadas, elaborou-se um roteiro contendo as três principais críticas identificadas na literatura e apresentadas na terceira seção. Essas críticas foram apresentadas uma a uma, a cada um dos entrevistados em separado, permitindo-lhes discorrer sobre cada uma delas. No roteiro, foram incluídos pontos de apoio para os pesquisadores complementarem as perguntas, caso fosse necessário. A palavra “crítica” não foi utilizada nas interações com empreendedores, as críticas foram apresentadas como “características”.

No entanto, conforme Wright (2022), a abordagem pedagógica que valoriza tanto as perguntas quanto as respostas, está diretamente ligada à autorização concedida pelos participantes para fazerem parte do estudo. Nesse sentido, a criação de um ambiente favorável a discussões francas e abertas desempenha um papel fundamental na experiência, estimulando a participação dos envolvidos.

A coleta de dados foi realizada por meio de encontros com cada um dos cinco empreendedores sociais no segundo semestre de 2023. Essas entrevistas foram conduzidas utilizando a plataforma Google Meet, visando aprofundar o



tema por meio da trajetória e percepção de cada empreendedor. Além disso, essa abordagem permitiu evitar interrupções nas rotinas dos entrevistados que, frequentemente, estão ocupados com agendas extensas. A seleção da amostra ocorreu por meio da facilidade de acesso dos autores com os empreendedores sociais.

Todas as entrevistas foram registradas no formato de áudio e posteriormente transcritas com o auxílio do *software Transkriptor*. Esse processo resultou em um conjunto extenso de texto, totalizando 15 horas e 19 minutos de gravação.

Na fase subsequente, adotamos uma abordagem sistemática durante a análise dos dados. Primeiramente, revisamos e verificamos as transcrições para assegurar a precisão e integridade do conteúdo. Em seguida, procedemos à análise minuciosa das informações coletadas, identificando padrões, temáticas e nuances nas respostas dos empreendedores.

É importante salientar que a categorização das entrevistas foi realizada com o suporte do modelo de linguagem *Chat GPT* para complementar o *software Transkriptor*. A utilização desse modelo de linguagem serviu como uma organização inicial e classificação eficiente dos dados. De acordo com Taylor (2023), o *Chat GPT* pode apresentar uma oportunidade considerável para pesquisas qualitativas tornarem os seus processos de coleta de dados muito mais eficientes e esse foi o uso do programa no presente estudo. A utilização dessa tecnologia permitiu uma abordagem mais ágil e precisa na identificação de temas recorrentes, tendências e *insights* relevantes presentes nas entrevistas.



RELISE

RESULTADOS E ANÁLISE: EMPREENDEDORES DIANTE DAS CRÍTICAS

Nesta seção apresentaremos os empreendedores entrevistados, como pensam o empreendedorismo social e como se posicionam em relação a cada uma das críticas.

Identificação dos entrevistados

Os seguintes empreendedores sociais foram entrevistados:

Entrevistada 1 - mulher, 58 anos, há 30 anos lidera uma organização não governamental que estimula empreendedorismo de mulheres das periferias do Estado do Rio de Janeiro, é empreendedora social reconhecida pela Ashoka Brasil⁶.

Entrevistado 2 - homem, 41 anos, é líder de uma organização da sociedade civil que estimula o empreendedorismo em periferias da cidade de Belo Horizonte, é empreendedor social reconhecido pela Ashoka Brasil.

Entrevistada 3 - mulher, 38 anos, é líder de uma organização que preza por maior diversidade, inclusão e equidade na tecnologia e inovação e atua em todo o Brasil.

Entrevistada 4 - mulher, 26 anos, lidera uma empresa de impacto que procura dar letramento financeiro à população de baixa renda. A empresa está localizada no Rio de Janeiro, mas atende beneficiários no país inteiro.

Entrevistado 5 - homem, 35 anos, lidera uma associação que capacita jovens para leitura de dados e produção de narrativas de dentro de favela no Rio de Janeiro, sobre temas que interessam a estes jovens.

Somos empreendedores sociais?

Na Ashoka (s.d.) é afirmado que "os empreendedores sociais são a força corretiva essencial. São empreendedores da mudança sistêmica e indivíduos

⁶ <https://www.ashoka.org/pt-br>



RELISE

cuja essência, e conseqüentemente, cujas ações, estão profundamente comprometidas para o bem-estar comum”. O que ocorre é que nem todos os artigos estudados (Arrueta; Ribeiro, 2022, Barbalho; Uchoa, 2019, Carneiro, 2022, Ferraz, 2022, Ferraz; Neto, 2022, Ferretti; Souza, 2022, Silva, 2018) definem exatamente a qual tipo de empreendedor social se referem, se empreendedor de ONG, de negócio social, de ações sociais empresariais ou outras formas. As autoras deste artigo compreendem que o empreendedor social é uma forma de amenizar problemas sociais com o empreendimento ou ação empreendedora, dentro de qualquer um dos exemplos acima.

Ao entrevistar cinco pessoas que desempenham papéis significativos em suas comunidades, observamos diversidade de perspectivas em relação à autoidentificação como empreendedores sociais.

Os quatro primeiros entrevistados prontamente se reconheceram como empreendedores sociais. No entanto, o quinto entrevistado adotou uma perspectiva distinta. A seguir, exploraremos razões, motivações, desafios, autodefinições deste e dos que se identificaram como tal.

A entrevistada 1, reconhecida como empreendedora social pela Ashoka, é movida por seu constante engajamento em causas sociais. Desde sua adolescência, trabalha com a questão social e reconhece como pilar primordial do ofício estar engajada em uma militância, como afirma:

Nunca pensei ‘Estou cansada desse trabalho’ (...) Acredito na possibilidade de melhorar o mundo, e é isso. Acho que empreendedores com objetivos semelhantes se assemelham muito, na persistência, na resiliência, na capacidade de lidar com muitos ‘nãos’ (entrevista 1).

O entrevistado 2, por sua vez, menciona que sua trajetória no empreendedorismo social se originou da necessidade que ele próprio e sua família enfrentavam na favela e destaca que o seu trabalho está focado em questões como educação de qualidade, erradicação da pobreza e vida sustentável.



RELISE

A entrevistada 3 relata que a sua trajetória profissional se confunde muito com o ativismo. Ela menciona que trabalhou em organizações sociais de base em favelas e, inicialmente, não se via como empreendedora. Somente quando de fato tem a oportunidade de "colocar uma ideia muito minha, no sentido de algo que me atravessa muito" nas palavras da entrevistada, é que se sente empreendedora. Mas, "não era empreender para ganhar dinheiro, ter um 'trampo', era mais sobre algo que estava me incomodando muito na época".

A entrevistada 4 se reconhece empreendedora social, segundo ela, devido ao seu objetivo de impactar positivamente a vida das pessoas, priorizando não apenas o ganho financeiro, mas também a transformação social:

Acredito que esse é o cerne do empreendedor social: dedicar-se a causar um impacto social positivo direto. É por isso que persisto nesse caminho, retomando-o sempre que algo me afasta desse propósito.

Em contrapartida, o quinto entrevistado adota uma visão crítica do empreendedorismo tradicional e destaca a necessidade de abordar o empreendedorismo social de forma que transcenda os modelos de mercado e capitalismo. Ele busca distanciar sua atuação da visão tradicional de empreendedorismo, enfatizando seu compromisso com a transformação social e coletiva. Assim, não se considera um empreendedor social e questiona o conceito com uma abordagem crítica:

Eu nunca me considerei um empreendedor. (...). Eu sempre tentei me distanciar da ideia de empreendedorismo capitalista que gerou *startups*. Essa ideia de negócio social. (...) A ideia de empreendedorismo social ainda traz questões que não estão resolvidas para mim.

Importante salientar que de cinco entrevistados, três acharam as críticas um pouco severas, a despeito de concordarem com muitas delas. Por exemplo, a entrevistada 3 no momento em que é apresentada a segunda crítica - venda da ilusão salvacionista - reflete por um tempo e logo após declara: "Esses autores são muito radicais também, né? No sentido de ou é 8 ou 80, e isso também não é uma verdade".



RELISE

O entrevistado 2, também como exemplo, quando apresentado a primeira crítica - empreendedorismo e empreendedorismo social são iguais - declara:

Isso é triste, né? (...) essa segunda aqui "que o empreendedorismo social continuaria a explorar a força de trabalho dos indivíduos" Então, eu estou supondo que o olhar de quem escreveu e de onde vocês tiraram essa percepção, ele teve um olhar muito para essa lógica, desse *boom* que São Paulo criou desse tal de setor 2.5, que a maioria são empresas. Porque quando você está falando dos empreendedores sociais ou dos negócios sociais que a personalidade jurídica deles é de OSC, de organização de sociedade civil, isso não se aplicaria, entende?

Empreendedorismo social é igual ao empreendedorismo tradicional no que se refere à perpetuação da exploração (crítica 1)

Os entrevistados compartilham perspectivas semelhantes em relação à crítica 1, concordando que há similitudes entre os dois tipos de empreendedorismo abordados neste trabalho. E afirmam que somente o empreendedorismo social não é suficiente para acabar com as opressões, mas que representa um dos caminhos possíveis para resolução de problemas sociais em países como o Brasil, que enfrentam desafios históricos e sistêmicos significativos.

A entrevistada 1, embora não aborde diretamente as semelhanças entre empreendedorismo e empreendedorismo social, destaca o papel deste último como uma forma de sobrevivência para certos indivíduos e grupos. Entretanto, enfatiza a crueldade intrínseca do modelo de operação de algumas ONGs - um modelo que contrata por projetos e em momentos de crise ou término de projetos as pessoas são dispensadas. Para ela isso leva a cortes e gera instabilidade, evidenciando a vulnerabilidade dos trabalhadores:

Isso aí é uma realidade né? (...) A gente sabe disso. A empresa pode ter uma relação boa com o funcionário e tal, mas na hora que vai ... que tem que cortar, ela corta. Se ela tiver uma crise, ela vai desempregar. Porque ela não tem, ela não é o Estado.



RELISE

A entrevistada 3 acredita que há uma certa coerência na afirmação de que os empreendedores sociais continuam explorando a força de trabalho de outras pessoas: "eu acho que de alguma forma os empreendedores sociais sim, continuam explorando a força de trabalho". Mas, vê como uma contradição grande quando se fala de empreendedorismo e empreendedorismo social como semelhantes já que o segundo não pode auferir lucro e dividir essa participação de lucros com as pessoas que trabalham na organização, por exemplo (claramente se referindo as organizações sem fins lucrativos, o que não encerra o empreendedorismo social que também existe nas empresas de impacto).

O entrevistado 2, compartilha a visão de que tanto o empreendedorismo quanto o empreendedorismo social estão vinculados às opressões e à perpetuação da exploração durante as práticas empreendedoras. E, fortalece uma perspectiva semelhante àquela criticada pela entrevistada 3 em relação a divisão de lucros. O entrevistado afirma a importância de se ter uma legislação brasileira específica para negócios sociais que permita que se divida o lucro entre as pessoas:

A gente poderia estar pensando na perspectiva tributária porque, por exemplo, eu sinto uma limitação se a minha organização fecha com R\$500.000,00 na conta e a gente não pode distribuir lucro para os fundadores. (...) A gente é de direito privado, sem fins lucrativos. São pessoas privadas, mas a gente é sem fins lucrativos e a gente não pode distribuir.

A entrevistada 4 discorda da ideia de Ferraz (2022) que tanto o empreendedorismo quanto o empreendedorismo social se beneficiam das opressões ou exploração. Ela explica que empreendedores sociais se esforçam para evitar esse proveito abusivo. No entanto, ela reconhece que, devido a precarização sistemática nos estágios iniciais de criar o empreendimento, o empreendedorismo social pode acabar explorando a força de trabalho. Em relação ao empreendedorismo social resolver problemas sociais, ela reconhece



RELISE

que há limitações, já que são estruturais e históricos, mas destaca seu papel importante em colaborar para o enfrentamento desses problemas:

Não podemos atribuir ao empreendedor social a responsabilidade de resolver questões acumuladas ao longo de 500 anos, mas ele pode ser um agente relevante, colaborando com outras organizações para enfrentar esses desafios.

O entrevistado 5 afirma que “a prática empreendedora ainda está profundamente ligada ao sistema, ao capitalismo e aos modelos de pensamento, gestão de recursos e convivência”. Ele acredita que não é possível escapar da opressão do sistema e, mesmo em organizações sem fins lucrativos, as relações hierárquicas e opressões persistem ao longo do tempo.

Este entrevistado mencionou em sua entrevista que tentou inicialmente adotar uma abordagem coletiva na distribuição equitativa de recursos financeiros entre os membros de sua organização. No entanto, após um ano, ele percebeu que essa tentativa não era sustentável financeiramente. Inicialmente, acreditava que a coletividade resolveria as questões financeiras, mas logo reconheceu a necessidade de acessar recursos para garantir o futuro do projeto.

Empreendedorismo social vende ilusão salvacionista (crítica 2)

Os entrevistados 1, 2 e 4 concordam que há uma venda da ilusão salvacionista no empreendedorismo social. A entrevistada 3 discorda sobre a venda da ilusão salvacionista, pois não vê isso na sua organização. O entrevistado 5 aponta que há limitações, mas que sua organização é uma forma de buscar uma vida melhor para todos que nela estão.

A entrevistada 1 concorda que há uma venda de ilusão salvacionista no empreendedorismo social, expressando ceticismo sobre a visão de que o empreendedorismo pode ser a solução para problemas sociais complexos. Ela não acredita que o empreendedorismo social seja a solução, pois o vê, como o entrevistado 5, como parte do sistema capitalista e que, assim como as cooperativas, inevitavelmente será incorporado por esse modelo econômico,



RELISE

perdendo sua essência. Para ela, uma solução seria uma "terceira via" ou um modelo alternativo de sistema econômico que pudesse ser construído pelas gerações futuras, sem necessariamente se encaixar nas categorias tradicionais de socialismo ou capitalismo.

O entrevistado 2, ao reconhecer o problema da venda da ilusão salvacionista, argumenta a favor do equilíbrio entre ganhar dinheiro e contribuir para o bem, destacando a necessidade de capitalizar o trabalho:

Eu acho que tem que tomar cuidado. É muito necessário que as pessoas possam capitalizar. Tipo, a mão de obra delas, o serviço delas. Então nessa parte eu não acho ruim o capitalismo. Receber, sabe? Senão vamos voltar para a escravidão.

Além disso, ressalta que a acumulação de riqueza e o *status* desempenham papéis significativos no sistema econômico, principalmente aqueles que precisam sobreviver a partir dessa atividade fim.

A entrevistada 3 não concorda que o empreendedorismo social venda uma ilusão:

Ganhar dinheiro e fazer a diferença é ilusão? Eu não acho. Eu não concordo totalmente com essa afirmação, não desses autores. (...) Concordo que não há luta contra a opressão se a gente desconsiderar o enfrentamento à exploração, mas assim eu não vejo na minha organização, por exemplo, que os meus colaboradores são explorados ou não sinto que eles são.

Para ela, muitas pessoas encontram motivação em fazer o que amam e, ao mesmo tempo, gerar impacto social, sem considerar o empreendedorismo social como explorador da força de trabalho.

A entrevistada 4 reconhece que o empreendedorismo social não visa acabar com o capitalismo, mas sim melhorar a vida das pessoas. Ela enfatiza a busca por soluções reais para aqueles que não têm acesso a direitos e recursos devido à estrutura social, defendendo a ideia de que é possível ganhar dinheiro e fazer a diferença, sem fantasiar a ideia salvacionista, como a de que o empreendedor social é uma espécie de super-herói. Ela destaca o papel do



RELISE

empreendedorismo social na mitigação de desigualdades e na promoção de mudanças positivas:

O empreendedorismo social não tem a missão de acabar com o capitalismo, mas sim de pensar em soluções para grupos que normalmente não acessam o mercado. Por exemplo, na nossa empresa, não buscamos acabar com toda a pobreza do Brasil, mas sim entender as dificuldades de acesso a crédito para pessoas negras e de baixa renda. Intervimos para reduzir desigualdades, buscando equalizar a balança. O objetivo não é aniquilar o capitalismo, mas sim criar uma nova fase que leve em consideração as minorias. Ainda é capitalismo, mas talvez uma versão que considere mais as diversidades. Não é uma solução, mas representa um passo em direção a um sistema que inclua e represente melhor as minorias.

O entrevistado 5, que se denomina ativista social, reconhece que há limitações, mas que sua organização é uma estratégia de capitalizar não só para si mesmo, mas também para aqueles que trabalham na organização:

Reconheço que minha organização, meu papel no empreendedorismo, no movimento social e na academia não são capazes de resolver essas questões complexas. Estou aqui tentando encontrar uma saída, não apenas para mim, mas também para o grupo de 20 pessoas que trabalham comigo e uma rede de cerca de 300 pessoas. Estamos tentando nos salvar, ganhar dinheiro, comer melhor e, ao mesmo tempo, pensar de maneira mais complexa sobre os problemas que enfrentamos. (...). Reconheço que o empreendedorismo por si só não pode resolver os problemas do Estado, mas também vejo que o Estado muitas vezes tem dificuldade em reconhecer seu papel diante desses problemas.

Empreendedorismo social transforma precariedade em negócio (crítica 3)

Os empreendedores entrevistados concordam parcialmente que há uma transformação da precariedade em negócio, mas afirmam que negócios sociais não substituem a responsabilidade governamental, como pode ser interpretado nas reflexões de Ferraz e Ferraz (2021) quando afirmam que o valor social ou missão social possuiriam um papel de importância ao transmitir confiança para integrar minorias, a fim de criar uma conformação e precarização geral que os faça - aos empreendedores - sentirem-se agentes do capital, agindo para remediar falhas do Estado através da transformação da precariedade em negócio e da pauta social em mercadoria.



RELISE

A entrevistada 1 destaca que não vê o empreendedorismo social ou a inclusão socioeconômica como instrumentos capazes de transformar a sociedade como um todo:

Como militante pelos direitos humanos e defensora de uma sociedade igualitária, sinto a necessidade de agir. Não faz sentido apenas criticar e não contribuir de forma concreta (...) Assim, utilizamos o empreendedorismo social e a inclusão socioeconômica como um impulso para abordar outras questões cruciais, como violência contra a mulher, combate ao racismo religioso e preconceitos diversos. enxergamos o empreendedorismo social como um ponto de partida, reconhecendo que não será a solução definitiva para transformar a sociedade, mas uma maneira de começar a lidar com essas questões a partir da realidade das pessoas que enfrentam desafios diários.

O entrevistado 2 enfatiza a urgência de se diferenciar os tipos de negócios sociais e empreendimentos sociais, destacando a necessidade de não generalizar. Além de expressar preocupação com empresas que criam seus próprios institutos para lidar com questões sociais. Ele enfatiza a importância de envolver as comunidades beneficiadas nas decisões sobre investimentos e projetos sociais, compartilhando sua motivação pessoal para trabalhar nessas questões.

A entrevistada 3 expressa cautela em relação à ideia de transformar a precariedade em negócios, alertando para o perigo de romantizar a pobreza. No entanto, ela também reconhece que o capitalismo frequentemente transforma tudo em mercadoria: "no capitalismo tudo vira mercadoria, né? Então a gente é uma mercadoria". Para ela, é crucial evitar que o empreendedorismo social substitua a responsabilidade do governo na resolução de problemas sociais, como afirma abaixo:

Eu acho que isso também é outra coisa que a gente tem que tomar cuidado, porque eu não acho que o empreendedorismo social, assim como as organizações sociais, as ONGS, vêm para substituir o governo sobre alguma coisa. Eu acho que responsabilidade do governo é responsabilidade do governo.

A entrevistada 4 reafirma que o empreendedorismo social não substitui atribuições dos governos, mas pode preencher lacunas na ausência de ações



RELISE

272

governamentais adequadas. Ela sugere que, em diversos casos, o empreendedor social tem como propósito fundar uma organização em resposta a uma ausência específica que experimentou em algum momento de sua própria vida. Quando identifica a viabilidade, opta por estabelecer um negócio para suprir essa deficiência de recursos em sua comunidade:

Então, de fato, dependendo do discurso, o empreendedorismo social pode ser uma alternativa falsa a essa incompetência do governo. Mas, em outros casos, eu conheço vários empreendedores que estão fazendo revoluções em comunidades exatamente por não existir Estado (...).

O entrevistado 5 expressa inquietação com a crescente comercialização de questões sociais e questiona a lógica que prioriza o lucro nesse contexto, mas demora a responder. Sua incerteza sobre o que dizer sugere uma reflexão em curso sobre seu posicionamento em relação a essa complexa interação entre precariedade, lucro e abordagens sociais.

APRENDIZADOS

Este artigo compreendeu um levantamento bibliográfico sobre as críticas da academia brasileira ao empreendedorismo social realizado em 2022. Ele não esgota o tema. Compreendeu ainda a maneira como alguns destes empreendedores entendiam/ concordavam/ discordavam/ se posicionavam sobre e diante destas críticas, também sem pretensão de esgotar o assunto ou ser generalizante, uma vez que escolhemos somente cinco empreendedores e por facilidade de acesso, esta etapa realizada em 2023. Mas foi, para as autoras, um exercício importante de constatação de algumas questões que enumeraremos a seguir.

Foram encontradas três principais críticas nos autores lidos. Se referem a uma visão da academia de que este tipo de empreendedorismo não se difere do empreendedorismo, digamos, comum, tradicional, neoliberal ou conservador; são generalizantes, considerando todos os empreendedores sociais da mesma



RELISE

maneira. Para os acadêmicos estudados o empreendedorismo social estaria ancorado - como o comum – na perpetuação da exploração. Pior, numa certa promessa de salvacionismo que transformaria em negócio a precariedade da própria vida do empreendedor ou da vida do outro, atendido pelas iniciativas.

Vale iluminar o fato de que, como mostrado neste trabalho, nos artigos não há a caracterização do empreendedor social, não havendo, portanto, elementos que o identifiquem, podendo ser interpretados tanto como pessoas de classe média que montam um negócio para aproveitarem a condição de pobreza ou vulnerabilidade como oportunidade, quanto empreendedores enraizados no contexto destas vulnerabilidades que lutam para mudarem sua própria vida e a dos seus. Iluminando aqui também o fato de que os empreendedores que entrevistamos são desta última tipologia, ou seja, são trabalhadores que empreenderam no empenho de mudanças em aspectos que compõem esta vulnerabilidade e aos quais eles próprios estariam expostos, sendo reconhecidos – os aspectos - como motivadores de seu ato de empreender. Para além disso, dos 5 entrevistados, 4 trabalham exatamente estimulando o empreendedorismo e/ou o empreendedorismo social nos públicos com os quais interagem nestes territórios considerados vulneráveis (favelas, escolas públicas de famílias de baixa renda, moradores de periferias em geral, entre outros).

Como resultado de nossa pesquisa e embora identificando - concordando ou admitindo que existe - algumas das críticas neste amplo espectro de atuação em empreendedorismo social em nosso país, os empreendedores sociais com os quais interagimos não se percebem alinhados com as críticas com as quais se defrontaram e três deles as acharam um pouco severas demais. Chegaram mesmo, em alguns momentos, a apontar um incômodo com a visão acadêmica, como descrito no trabalho. Sendo assim, dentro das possibilidades limitadas deste trabalho, pelos aspectos que já enumeramos, os empreendedores entrevistados se afastam, em suas próprias



RELISE

visões, das críticas apontadas pela academia, concordando que o empreendedorismo social pode representar caminhos para solução ou colaboração com a solução para problemas sociais, evidenciando ser justo receber pelo trabalho e capitalizar sobre a colaboração com a solução. De uma maneira geral, o que apontam soa como uma discordância de que as críticas deveriam ser endereçadas aos empreendedores sociais e, sim, ao sistema capitalista. Afirmam ainda que o que fazem de maneira alguma substitui o estado ou suas obrigações, apenas colaboram com a amenização destas vulnerabilidades.

Diante destas conclusões e aprendizados, identificamos que há aí um campo de pesquisa interessante, que tanto defina o empreendedorismo social e seus atores, quanto os caracterizem mais cirurgicamente diante das críticas, mas não só destas. Uma série de atividades se relacionam hoje com empreendedorismo social entre elas: o trabalhador da empresa lucrativa que dentro de sua estrutura de emprego empreende socialmente para melhorar a vida dos funcionários ou ainda a vida das pessoas que habitam próximo ou são de outras formas impactadas pelas atividades empresariais, como ocorre nas ações de recursos humanos, responsabilidade social ou mesmo ESG – *environmental, social and governance*, correspondendo às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização -; empreendedores comuns que veem na pobreza e em outras formas de vulnerabilidade, oportunidades de negócios, como por exemplo, o setor dito 2,5, também conhecido como negócio de impacto; ainda há o empreendedor da própria periferia que tocado pelo absurdo de sua própria limitação contextual de vida ou por outras motivações, dedica seu tempo de trabalho a mudar esta condição de vida, o que pode, sendo exitoso, melhorar a sua própria vida, mas também a dos demais a seu redor.



RELISE

275

REFERÊNCIAS

ANDERSON, A. R.; OBENG, B. A. Enterprise as socially situated in a rural poor fishing community. **Journal of Rural Studies**, [s.l.], 2017, v. 49, p. 23-31.

ARRUETA, Lorena. RIBEIRO, Ivan. A pobreza e o empreendedorismo social e solidário sob o enfoque da reciprocidade. **Repensando as políticas públicas**, Porto Alegre, RS. 2022. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Repensando-as-politicas-publicas%3Ddesafios-dos-direitos-sociais.pdf

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both?. **Revista de administração**, v. 47, n. 3, p. 370-384, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0080210716302357>

BARBALHO, A e UCHOA, C. V. **Empreendedorismo social como campo em formação no Brasil: o papel das instituições Ashoka, Endeavor e Artemisia**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 20, n. 2, p. 421-433, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/dWf4jkLhxPpqqvTxcHhvPNr/?lang=pt>

BARBOSA, Leandro. O Empreendedorismo como o ideário central do neoliberalismo e suas repercussões no campo educacional. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 7, n. especial, p. 115-155, maio, 2022. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/629>

CARMO, L. J. O; ASSIS, L. B., GOMES, A. B., JR. TEIXEIRA, M. B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE. BR**, v.19, n.1, p.18-31, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>

CARNEIRO, Adele. Empreendedorismo social como perspectiva histórica contextual no Brasil: Uma abordagem evolutiva do conceito a partir do neoliberalismo. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 7, n. especial, p. 94-113, maio, 2022. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/617>

CASAQUI, V. A transformação social nos discursos da cena empreendedora social brasileira: processos comunicacionais e regimes de convocação na mídia digital. **Universitas humanística**, v. 81, n. 81, 2016. Disponível em:



RELISE

276

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48072016000100009

COAN, Marival. **Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas.** 2011. 540 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2011.

CUKIER, W.; TRENHOLM, S.; CARL, D.; GEKAS, G. Social entrepreneurship: a content analysis. **Journal of strategic innovation and sustainability**, v. 7, n. 1, p. 99-119, 2011.

DEES, J. G. Enterprising nonprofits. **Harvard business review**, v. 76, p. 54-6

DEFOURNY, J., & NYSSSENS, M. Conceptions of Social Enterprise and Social Entrepreneurship in Europe and the United States: Convergences and Divergences. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 1, n. 1, pp. 32–53, 2010.

DEY, P.; STEYAERT, C. The politics of narrating social entrepreneurship. **Journal of enterprising communities: people and places in the global economy**, v. 4, n. 1, p. 85-108, 2010.

DEY, P.; STEYAERT, C.; HJORTH, D. 6. The rhetoric of social entrepreneurship: paralogy and new language games in academic discourse. **Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited**, 2007.

DIAS, P.K.; FERNANDES, N.C.M.; SILVA, Italo. **Uberização: a relação entre inovação tecnológica e precarização do trabalho em charges.** Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 7, n. especial, p. 56-92, mai, 2022.

ESPINOSA-CRISTIA, J. F.; BERNASCONI, O. Nem Política, nem Sociedade: Questionando a Justificativa de Políticas Públicas Pró-Empreendedorismo no Chile. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 60, n. 2, 131-143, 2020.

ÉSTHER, A. B. A política de identidade do empreendedorismo: uma análise na perspectiva da sociologia figuracional e da psicologia social crítica. **Cadernos EBAPE. BR**, 17(esp.), p.857-870, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395176629>

FERRAZ, J. M.; FERRAZ, D. L. S. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora



RELISE

277

numa abordagem histórico-materialista. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85313>

FERRAZ, Jannayna. Armadilha da identidade e crítica ao empreendedorismo social: a exploração da opressão. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 252-261, maio-ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/QjJHchsgDMBTH4xgmJzM5ym/>

FERRETI, Amanda. SOUZA, Eloisio. Resistir para existir: Compreensão dos discursos sobre gênero e empreendedorismo a partir de uma perspectiva crítica e interseccional. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 7, n. especial, p. 6-38, maio, 2022. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/613>

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cad. EBAPE.BR**, v. 17, Edição Especial, Rio de Janeiro, nov. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/9NJd8xMhZD3qJVwqsG4WV3c/?format=pdf&lang=pt>

GEM. Empreendedorismo no Brasil – 2022-2023. Disponível em <<https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/05/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf>>

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>

GRIFFITHS, M. D.; GUNDRY, L. K.; KICKUL, J. R. The socio-political, economic, and cultural determinants of social entrepreneurship activity: An empirical examination. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 20, n. 2, p. 341-357, 2013.

LOPES JR, D. S. et al. Fatores socioeconômicos como motivadores para o empreendedorismo social. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, v. 22, n. 56, p. 75-90, 2020.

LOUNSBURY, M. Collective entrepreneurship: the mobilization of college and university recycling coordinators. **Journal of Organizational Change Management**, v. 11, n.1, pp. 50–69, 1998.



RELISE

NIMOCKS, J. M. **The Natural Hair Movement as a Platform for Environmental Education**. 2015. Senior These (Bachelor of Arts Degree in Environmental Analysis), Pomona College, Claremont, California, 2015. Disponível em: https://scholarship.claremont.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1130&context=pomona_theses

OLIVEIRA, Inara Rezende et al . Empreendedorismo social, pós-modernidade e psicologia: compreendendo conceitos, atuações e contextos. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora, v. 9, n. 2, p. 290-311, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000200010

PEREIRA, Rafael H. M. et al. (2022) **Estimativas de acessibilidade a empregos e serviços públicos via transporte ativo, público e privado nas 20 maiores cidades do Brasil em 2017, 2018, 2019**. Texto para Discussão N. 2800. Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/publicacao-item?id=11058/11345>

REZENDE, A, MAFRA, F; PEREIRA, J. Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: possibilities for resistance in the social (re)construction of black identity. **Revista Organizações & Sociedade** [online]. 2018, v. 25, n. 87, p. 589-609. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-9250873>

SABINO, Geruza. PINHEIRO, Daniel. Empreendedorismo negro brasileiro: Tensões e limites à luz da inclusão econômica e social. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 7, n. especial, p. 39-55, maio, 2022. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/630>

SILVA, J. R. **Empreendedorismo social: redes de relacionamento entre os stakeholders e parcerias para formação de competências pessoais e sociais no Instituto Favela da Paz**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Administração, Universidade Paulista, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-mestrado-em-administracao/empreendedorismo-social-redes-de-relacionamento-entre-os-stakeholders-e-parcerias-para-formacao-de-competencias-pessoais-e-sociais-no-instituto-favela-da-paz/>

SOUZA NETO, B de. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro: o empreendedorismo de necessidade do “virador”**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2017.



RELISE

279

TAYLOR, Z. W. Taylor, ZW, **Using Chat GPT to Clean Interview Transcriptions: A Usability and Feasibility Analysis**. Social Science Research Network. The University of Southern Mississippi, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4437272>

THOMPSON, J.; ALVY, G.; LEES, A. Social entrepreneurship—a new look at the people and the potential. **Management decision**, v. 38, n. 5, p. 328-338, 2000.

VALE, Glaucia Maria Vasconcellos. **Empreendedorismo, Marginalidade e Estratificação Social**. Revista de Administração de Empresas. 2014, v. 54, n. 3, p.310-321, maio-junho-2014.

WRIGHT, S. **Diverse Dialogues for Liberation: Exploring the role of Social Integration and Transformative Consciousness among Students in Higher Education in Sheffield and Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) - Public Health in International Development, University of Sheffield, Sheffield, 2022.